



Onde está a culpa? *Where is the fault? Où est la faille?* HUSTON, Nancy. *Lèvres de pierre*. Arles/Montréal: Actes Sud/Leméac, 2018.

Nubia Hanciau¹

Recebido em 9 e aprovado em 13 de dezembro de 2019.

Resumo: A partir de uma série de semelhanças, *Lèvres de pierre* de Nancy Huston vai nos mostrar quais são os pontos de convergência entre uma mulher de letras canadense e um certo Saloth Sâr, menino discreto cambojano criado no

campo, que por muito tempo faz xixi na cama, ridicularizado por seus irmãos, e que se tornou o ditador Pol Pot, conhecido por ter massacrado perto de um milhão de seus concidadãos, responsável pelo maior genocídio do século XX. Em *Lèvres de pierre* a romancista retraza a trajetória desse “Homem Noite” e as etapas cicatriciais que fabricarão um monstro, ao mesmo tempo que tece o paralelismo entre Dorrit, seu duplo, sua infância e juventude, primeiro em Calgary, depois nos EUA, passando por Paris. Dois seres com contornos frágeis devorados primeiro pelo medo, depois pela raiva.

Palavras-chave: Nancy Huston. Pol Pot. História. Romance. Ocidente. Ásia.

Abstract: From a series of similarities, *Lèvres de pierre* by Nancy Huston will show us which are the common grounds between a Canadian woman of letters and a certain Saloth Sâr, a discreet Cambodian boy raised in the countryside, who used to wet his bed, was ridiculed by his brothers, and became the dictator Pol Pot, known due to the massacre of almost one million of his fellow citizens, responsible for the biggest genocide of the 20th century. In *Lèvres de pierre* the novelist retraces the path of this “Night Man” and the cicatricial steps that will produce the monster; at the same time she weaves the parallelism between Dorrit, her double, her childhood and youth, first in Calgary, after in the USA, passing through Paris. Two creatures with fragile contours who are devoured first by fear, and later by anger.

Keywords: Nancy Huston. Pol Pot. History. Novel. Western. Asia.

“Muito do que é humano
me é estranho”

(releitura de N. HUSTON da frase do poeta Terêncio: “Nada do que é humano me é estranho”, citada em entrevista a Iasmini Youssi, 2018)

Conhecemos a premiada escritora canadense Nancy Huston desde *Variations Goldberg* (1981), seu primeiro romance que antecede mais de uma dezena de suas complexas e empáticas histórias, entre elas *L’empreinte de l’ange* (1998), *Cantique des plaines* (1993), *Dolce agonia* (2001), *Lignes de faille* (2006) – este, vencedor do Prêmio Femina, traduzido para o português para Marcas de nascença e editado pela L&PM (2007). Um adulto nada mais é do que uma criança que sofreu é neste romance a principal ideia por trás da narrativa de uma família marcada pelo desenraizamento, pelo dilaceramento da guerra e pela busca de identidade.

Prolífica, sensível à marcha do mundo, depois de *Bad girl* (2014), *Le club des miracles relatifs* (2016) e *Sensations fortes* (2017), Nancy Huston publicou seu décimo quinto romance, o audacioso *Lèvres de pierre* (2018), para contar a história de Saloth Sâr/Pol Pot desde sua

infância traumática, entrecruzada à sua própria história, Dorrit/Nancy Huston, em narrativa que ela situa entre a autoficção e a exoficção, ao transformar em abordagem romanesca a relação com uma personagem histórica real e conhecida.

Nancy Huston declaradamente “deseja ser” Suzanna Arundhati Roy (entrevista a Iasmini Youssi, 2018), a novelista, ativista pelos direitos humanos, causas ambientais e antiglobalização, primeira indiana a vencer o distinto prêmio da literatura inglesa Man Booker Prize pelo romance *O Deus das pequenas coisas* (1997). Com sua prosa engajada, movimentada e generosa, graças também às ricas imagens de seus livros (cf. *O ministério da felicidade suprema*, 2017), Arundhati Roy inspirou Nancy Huston a estudar o comportamento humano dessas duas personagens nascidas em universos tão diferentes: Saloth Sâr/Dorrit.

Sensível tanto quanto Roy à caminhada do mundo e, neste caso, ao silêncio do Camboja, em 2008 N. Huston foi até lá. Depois dessa viagem, experimentou o sentimento persistente e quase absurdo de que muito além dos tempos e dos continentes, o Kampuchea democrático lhe concernia. O Camboja

hoje está localizado nesse Estado que existiu no Sudeste Asiático entre 1975 e 1979, fundado pelas forças do Khmer Vermelho quando derrubaram o regime da República Khmer, regido pelo general Lon Nol. É difícil imaginar que um país consiga ser reconstruído após o que aconteceu nesses quatro anos no Camboja, período em que o Khmer Vermelho, em violenta revolução, dizimou quase dois milhões de cambojanos, o que corresponde a cerca de um quarto da população do país. A maioria das pessoas foi assassinada, outras mortas de fome ou doença nos campos de trabalhos forçados. As cidades foram evacuadas, na tentativa do governo de estabelecer uma sociedade totalmente agrária. O conceito de propriedade deixou de existir e qualquer manifestação religiosa foi proibida. A moeda abolida, as escolas e os hospitais fechados. Até mesmo acabar com as estruturas familiares o Khmer Vermelho tentou, ao separar os entes de uma mesma família com o propósito de enfraquecer ainda mais as pessoas e erradicar qualquer forma de oposição ao governo. O único vínculo permitido era com o Angkar, a “Organização”.

Exortada a aproximar-se pela escrita dessa história vertiginosa que a

solicitava, a dúvida de Nancy Huston foi por qual ângulo abordar tema ao mesmo tempo tão audacioso, perturbador e exótico, ela, que viveu sua adolescência nos Estados Unidos, e a partir de 1970 na França, onde foi estudar, engajando-se nas causas feministas. Branca, burguesa, cidadã de duas grandes potências ocidentais (Canadá e França), o que teria a dizer sobre esse pequeno país tão profundamente estrangeiro, situado na outra ponta do mundo? Como dele apropriar-se sem se sentir permanentemente impostora? As pontes entre o Camboja dos anos 1930 a 1970 e sua própria juventude, e entre ela e Pol Pot, foram mais difíceis de ultrapassar do que se poderia imaginar. Apesar das discrepâncias entre o mundo ocidental – que no conteúdo das suas narrativas considera em primeiro plano o itinerário de formação das pessoas, o trabalho, os amores, os casamentos, as separações – e o mundo dos cambojanos, que não se vêem como personagens romanescas: não há romance no mundo asiático, o “eu” dissolve-se no cosmos, mesmo assim N. Huston fez frente aos obstáculos e à resistência às muitas metamorfoses que se apresentaram, entre elas o bloqueio

ligado aos aspectos formais do trabalho, quase sempre refletindo o medo de tocar em certas matérias íntimas, perigosas e até inflamáveis. Após longos meses mudando de rumo formal (romance? ensaio?), de escorregadelas de terreno que por pouco não a levaram a renunciar, ao cabo de dois anos *Lèvres de pierre* apresenta ao leitor o paralelo entre as duas personagens reais, ficcionalizadas, exploradas em todas as relações e disparidades possíveis de encontrar.

Saloth Sâr, o menino cambojano, tornado mais tarde Pol Pot, apresenta em sua juventude coincidências com Dorrit, pseudônimo de Nancy Huston, o qual ela utiliza apenas em seus textos autobiográficos (*Bad girl*, por exemplo). “De repente tremi. Acabava de cair sobre o único cambojano em quem conseguiria talvez me projetar: Pol Pot. Ideia louca, não obstante, a única possível. Não o Pol Pot chefe de estado, mas a criança, o adolescente e o jovem que ainda se chamava Saloth Sâr” (HUSTON, 2018, p. 19).

As duzentos e trinta páginas, com ilustração na capa de Guy Oberson dividem-se em quatro segmentos: Le Grand écart (entre o Ocidente e a Ásia), à guisa de prólogo; a seguir, a parte I: Homme nuit, que se subdivide em 1. Prek

Sbauv, 1934; 2. Phnom Penh, 1934-1943; 3. Kompong Cham/Phnom Penh, 1943-1948; 4. Paris, 1949-1953; 5. Phnom Penh/maquis, 1953-1970. Na sequência, a parte II: *Mad girl*, que se subdivide por sua vez em: 6. Calgary, 1963-1968; 7. Wilton, 1968-1970; 8. Cambridge/Victoria, 1970-1971; 9. New York, 1971-1973; 10. Paris, 1973-1979, e o Epílogo. Ao longo da leitura desses segmentos descobre-se que a trajetória das duas complexas personagens, cujos retratos vão sendo convincentemente desenhados, iluminam-se uma à outra, apesar da dissemelhança flagrante entre o mundo ocidental e o universo cambojano, cenário de parte da história contada. Nancy Huston dirige-se a Saloth Sâr/PolPot na segunda pessoa, a Dorrit na terceira, neste caso, com certeza, para ser vista com mais distância, mais claramente.

O que haveria em comum entre essas duas personagens antípodas? Surpreendentemente, são grandes as semelhanças entre a infância e a juventude desse menino de físico e personalidade femininos, desprezado por seus familiares, enviado pelo irmão (oficial do Palácio Real) à escola francesa, onde Sâr vai do fracasso à humilhação; e Dorrit, de formação desordenada e mesmo caótica,

cuja infância, adolescência e juventude foram vividas, em Calgary primeiro, depois meio a meio nos Estados Unidos – que bombardearam o Camboja progressiva e ostensivamente, ela frisa, durante cinco anos, causando a destruição da economia – e mais tarde na França, onde, junto aos intelectuais franceses, pregará o marxismo dogmático, será militante, violenta até, vivendo entre comunistas que sustentavam o regime de Pol Pot. Dorrit também, durante toda a sua juventude, teve de enfrentar não a humilhação, mas a exploração dos homens: bela, estava perpetuamente sujeita aos assaltos dos confiantes “machos alfa”; anoréxica, seu sorriso enigmático protegia sua identidade profunda.

Nancy Huston reconhece os mesmos sorrisos que mascaram as emoções, a fachada lisa que cala a fragilidade e a violência das feridas em situações nas quais a personagem Saloth Sâr assemelha-se a Dorrit, fundamentalmente na infância: insegurança, mudanças frequentes de país, troca de língua, de contexto cultural, abuso sexual. Ambos têm pele espessa que os protege desde jovens, têm bolsa por um ano em Paris. Se Sâr encontra no Mosteiro instrução e saber, Dorrit vai reencontrar no Partido Comunista o respeito e a proteção.

Ambos pegam o vírus do comunismo que conheceram em Paris, compartilham essa paixão, aspectos que tornam viável retomar o diário de viagem de 2008, investigar a origem das dores e dos fantasmas dessas crianças feridas que se cruzam e se esboçam na reflexão sobre os caminhos pedregosos, que conduz ao engajamento.

No Camboja na verdade todos sorriem, tanto os habitantes quanto os budas de pedra, um sorriso tão impenetrável quanto indelével, “máscara que protege mais do que projeta”. Se relacionados à violência do país, esses sorrisos produzem no visitante uma vertigem singular, apresentando-lhe um espelho perturbador, desordem que a escritora explora ao questionar correspondências improváveis, mas que ligam intimamente seu próprio percurso ao desse jovem de identidade violentada, antes que se tornasse o tirano Pol Pot.

No diário de 2008 ela escreveu: “14 de janeiro. Os sorrisos do rei Jayavarman, em Boyan, adaptam-se aos sulcos dos balaústres de pedra, sua cabeça está integrada em toda parte às sombrias espessas colunas; de cada um de seus lados ele nos olha sorrindo, face e perfil, Big Brother do século XII... Lábios de

pedra, Lábios de pedra, sorriso radiante, mas ausente, benevolente, mas vazio: onipresente, assim como nas estátuas do Buda e em todas as fotos de Pol Pot...” (HUSTON, 2018, p. 18-19). O mesmo sorriso do Buda, enigmático e doce, Saloth Sâr, o futuro Pol Pot, ostentava em seu rosto, sorriso-fachada, maneira de se proteger do mundo exterior, de mantê-lo à distância. Menino doce e pouco aberto aos outros, sem aptidão para os estudos, Sâr muitas vezes era humilhado por seus colegas e pelos adultos.

Primeiro, na tentativa de iluminar a noite dos espíritos, Huston se dirige ao *homme nuit*. Era assim que Saloth Sâr era chamado depois de perder a mulher que amou e de não poder ter o filho que desejou, o que cria o *underground* definitivo e o transforma em “homem noite” que foi. Retraça na sequência as etapas e as cicatrizes da fabricação de um monstro, da infância rural à formação militante parisiense, como se a liturgia marxista fosse compensar a falta deixada, no caso de Sâr, pela saída do mosteiro budista. E no dela, ao voltar-se ao seu próprio passado de jovem canadense *mad girl*, que teve que enfrentar a leviandade devastadora dos homens. Sua iniciação intelectual a

conduzirá, mais tarde, na mesma esteira da Paris efer-vescente e radical. Parece na verdade haver algo de “cura” no fato da escritora explorar a cabeça de outra pessoa, trajetória que a leva à sedução do pensamento extremo.

Como e por que então Nancy Huston narra seus anos de formação, espelho dos de um cambojano da geração do seu pai, que, assim como ela, viveu em Paris, aí entrando na política e também na escrita antes de tornar-se um dos piores ditadores do século XX? *Lèvres de pierre*, ao misturar lucidez e intuição, deixa no leitor o perturbador sentimento de situá-lo bem perto do poder dos acasos que constrói os caminhos da criação e da destruição, em páginas sangrentas da ficção e da História. Como sair ileso depois de uma vida convivendo com Pol Pot?

Lèvres de pierre responde também à indagação a respeito da força da literatura enquanto marca da natureza humana. Somos, na verdade, a única espécie da natureza que sempre se conta histórias para explicar o mundo, organizar a vida e transmitir o sentido das coisas aos que vêm chegando. Dois significativos excertos do epílogo oferecem uma metáfora perfeita, resposta ao nosso pavor. O primeiro, do

tirano Pol Pot; o segundo, da famosa escritora Nancy Huston. Ambos levam o leitor a refletir:

– “Olhe para mim, ele dirá sorrindo a um jornalista que veio entrevistá-lo alguns meses antes de sua morte. Pareço um homem violento?”

– “Contra toda expectativa, ela terminará por gostar de comer e de preparar o que comer, de rir às gargalhadas e de relaxar em longas noites entre amigos. Mas, ano após ano, continuará a torturar e a matar em seus livros..., e a sorrir por fora, como se nada estivesse acontecendo” (HUSTON, 2018, p. 229-230).

Em *A espécie fabuladora*: um breve estudo sobre a Humanidade (L&PM, 2008), a escritora lembra que o objetivo da ficção literária chamada romance não é ser mais forte que a realidade, mas fornecer outro ponto de vista sobre ela. O romance não quer ensinar o certo e o errado, como fazem as ficções familiares, religiosas e políticas, mas sim mostrar a verdade dos seres humanos, “uma verdade sempre mista e impura, tecida de paradoxos, questionamentos e abismos” (FISCHER, 2010). Com suas personagens profundamente humanas, seu olhar agudo, sabedoria e conhecimento

do mundo, Nancy Huston retoma vidas, em uma sinfonia de dor e compreensão da humanidade. Entre passado e presente, Ocidente e Ásia, no entrecruzamento da História com as histórias individuais, ela demonstra em *Lèvres de pierre*, mais uma vez, o domínio narrativo como poucos nomes da literatura universal

Referências

FISCHER, Luís Augusto. Nós, que contamos histórias. *Zero Hora*. Segundo Caderno, 26 de outubro de 2010. Capturado em: <https://www.lpm-blog.com.br/?p=3708>, 08-11-2019.

HUSTON, Nancy. *Espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *Lèvres de pierre*. Arles/Montréal: Actes Sud/Leméac, 2018.

Rendez-vous de l’histoire. Entrevista concedida a Iasmini Youssi em 2018 sobre o livro *Lèvres de pierre*. Capturado em: <https://www.youtube.com/watch?v=E4TJs t9jHXs>, 08-11-2019.

Notas

¹ Professora aposentada. Fundação Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: nubiajh@gmail.com